

GPS

www.serpro.gov.br

gente pontoserpro

A gente se encontra aqui!

Revista Interna Nº3 - Fevereiro 2011

Bagagem Interna

Viajar a trabalho garante experiências inesquecíveis a colegas do Serpro



• MONITORAMENTO CONTÍNUO

Desde 1970, calor, umidade e ruído são controlados nos ambientes de trabalho

• QUE ESPORTE É ESSE?

Trekking, malha e pádel: conheça algumas das modalidades praticadas pelos colegas

• A FORÇA DO INDIVÍDUO

Saiba como uma colega de Curitiba mobiliza sozinha uma rede para arrecadar doações

PASSAPORTES PARA O DESENVOLVIMENTO

Viagens internacionais a trabalho propiciam vivências marcantes para os empregados

Os relatórios de viagem das missões do Serpro ao exterior comprovam que relevantes serviços foram cumpridos: agilização na emissão de documentos nas embaixadas, telecentros a serviço de populações distantes, cooperação técnica com diversos países. Mas, a par da realização desses objetivos, os empregados envolvidos nessas empreitadas têm a oportunidade de vivenciar realidades contrastantes com a de nosso país - e seus relatos informais revelam que viagens desse tipo ganharam um capítulo de destaque na história de vida de cada um.

“De que outra forma eu conheceria o Haiti se não fosse por uma oportunidade dessas?” ressalta Marcio Moura de Campos, lotado em Brasília, que esteve no país quatro anos antes de ocorrer o grande terremoto que abalou a região. Outros destinos que não são comuns nos coloridos folhetos das agências de turismo são Cabo Verde, São Tomé e Príncipe ou a geladíssima Wisconsin (EUA) no inverno, com seus nada atrativos 18 graus negativos. Pois todos esses roteiros foram cumpridos por empregados do Serpro, propiciando os relatos mais diversos, mas com um ponto comum: todos afirmam sem hesitar que repetiriam a experiência.

A GPS entrevistou alguns desses colegas que tiveram oportunidade de viajar a serviço do Serpro. Acompanhe os relatos.



“O Brasil começou em Cabo Verde”

Destino: Cabo Verde

Missão: Montagem de Telecentro e Cooperação Técnica

Ano: 2009

Depoimento: Márcio de Araújo Benedito (BHE)

Conhecido como China, o mineiro Márcio de Araújo Benedito percorreu mais de cinco mil quilômetros para chegar a Cabo Verde, país localizado em um arquipélago que dista 640 km do continente africano. Deparou-se com cidadezinhas que lembram “qualquer cidade histórica nossa, como Ouro Preto”, com suas ruas estreitas e arquitetura colonial. Ao relembrar o percurso, China afirma a convicção de ter estado em um lugar que representa a origem de nosso país. Cabo Verde foi entreposto comercial de escravos que eram capturados no continente e ali organizados para a venda que os traria até aqui. “Faz lembrar que os negros legaram aos portugueses duas tecnologias das mais importantes: a mineração e a construção de pau-a-pique”, analisa. “É um país de gente culta, educada, que quando guia seu carro aguarda o pedestre atravessar a rua. Já tem universidades, avança no sentido do desenvolvimento”, ressalta.

Em termos profissionais, a missão também foi recompensadora: além da montagem de um telecentro, a equipe capacitou pessoas para sua manutenção - um problema que havia provocado a interrupção de funcionamento de um telecentro anterior. Aproveitando a presença do pessoal especializado do Serpro, também foi solicitada a instalação de software livre no sistema administrativo da Casa de Cultura do Brasil em Cabo Verde.



Passaporte viajado

Destino: Países da Ásia, África e do continente americano
Missão: Suporte ao Ministério das Relações Exteriores (MRE)
Ano: 2009 a 2010
Depoimento: Vinicius Soares Loiola (SPO)

Vinicius Loiola viajou para embaixadas brasileiras no Peru, Colômbia, África do Sul, Japão, Taiwan, Angola, Moçambique e Jamaica para modernizar sistemas e permitir a emissão padronizada de atestados, certidões e passaportes. Além de desafios técnicos, também teve de resolver situações inusitadas. “Houve um local em que a polícia tentou nos arrancar propina alegando uma dobra no papel do visto de entrada”, relembra. O que acabou com o impasse foi um imprevisto “O presidente Fulano acompanha nossa missão com interesse”, blefou, citando o nome da autoridade que havia visto em outdoors na cidade. Acabou liberado.

Satisfação garantida

O colega destaca o valor da honra para o povo no Japão, exemplificado na atitude de um vendedor japonês. “Percebemos que tinha um problema na mala que havíamos comprado e voltamos à loja. O vendedor trocou o produto, devolveu o dinheiro e pediu muitas desculpas. Não queria que voltássemos com a impressão de que tinha tentado nos prejudicar”, conta. “Essas viagens são corridas, duram quatro, cinco dias e há muito trabalho. Mas sempre dá para conhecer a paisagem, o jeito das pessoas, realidades sociais diferentes. Tudo amplia nossa percepção. Somando todos os períodos, passei 5 meses viajando a serviço. E valeu a pena”, conclui.



“Viver em São Tomé e Príncipe me transformou”

Destino: São Tomé e Príncipe
Missão: Cooperação Técnica e Treinamento Avançado do Expresso
Ano: 2009
Depoimento: João Cosme (PAE)

Em São Tomé e Príncipe, João Cosme morou durante um mês na casa de uma colega, tempo que define como “a coisa mais importante” que aconteceu em sua vida. “A ilha é linda e eles vivem muito felizes com muito pouco. As relações são profundas, autênticas. Você revê seus valores”, conta. “Eu realmente ‘vivi’ São Tomé. Foi difícil voltar para o Brasil”, declara. Ele relata que, excetuando-se banana, peixe e fruta-pão, abundantes na ilha, toda a comida é importada, portanto cara. Internet ainda é um luxo e tatuagem é motivo de curiosidade. “As pessoas me pediam para deixar tocar o braço tatuado”, conta Cosme.

Carvão à noite, nem pensar

Experiência singular ocorreu nos preparativos de uma churrascada: comprar carvão à noite é considerada causa de mau agouro. Outra peculiaridade local: não se pode sair tirando fotos das pessoas: muitos santomenses acreditam que elas “roubam” a alma do fotografado. Profissionalmente, a experiência também foi marcante para Cosme: o grupo de alunos que recebeu treinamento era de jovens muito interessados, em um país também jovem, onde tudo está por construir: a ilha obteve independência de Portugal há apenas 45 anos. A visita da equipe do Serpro foi um acontecimento televisionado no principal programa local.



48h no Haiti: “Eu conheci o que o terremoto destruiu”

Destino: Haiti

Missão: Cooperação Técnica e Instalação de Telecentro

Ano: 2006

Depoimento: Marcio Moura de Campos (BSA)

A viagem rápida teve agenda extensa: configurar telecentro na base militar brasileira do Haiti e ainda visitar escola, biblioteca e a embaixada para fazer levantamentos técnicos. Se o roteiro era previsível, a indumentária surpreendeu: “sempre que saíamos tínhamos de colocar colete a prova de balas e capacete. E o trajeto era percorrido em carro blindado”, lembra Marcio Moura de Campos. Ele explica que o Exército tinha um grande cuidado por conta da responsabilidade de garantir a segurança dos integrantes da comitiva diplomática, em um país que sofreu muitos conflitos.

Rio de Janeiro ao contrário

Percorrendo a capital Porto Príncipe, o carioca Marcio identificou semelhança entre os barracos haitianos e brasileiros. “É o mesmo tipo de construção. Só que a geografia sócio-econômica de lá é o contrário do Rio: os ricos no morro, os pobres na parte baixa”, observou. Quatro anos após a visita, o colega acompanhou de um ponto de vista diferente o terremoto que assolou o Haiti: “conheci o belo palácio presidencial, que foi destruído. Outras construções antigas também derrubadas. O impacto de assistir às notícias foi muito maior”, diz. “Mas um ponto me fez bem: soubemos que o telecentro da base foi o único canal de informação que se manteve operante na catástrofe, permitindo que parentes se comunicassem. Nosso trabalho, de alguma maneira, ajudou as pessoas em um momento tão devastador”.



Contra o frio, um labirinto

Destino: Wisconsin, EUA

Missão: Acompanhar validação de conformidade do Siafi

Ano: 1999

Depoimento: Neide Aparecida da Costa Durante Modrach (BSA)

A ameaça do bug do milênio fez com que vários sistemas fossem reavaliados antes da passagem do ano 1999 para o 2000 – e levou Neide Modrach a viajar ao Estados Unidos. Ela deu suporte à empresa externa contratada para fazer a validação do Siafi, sendo enviada à sua sede, em Wisconsin. “É um destino concorrido no verão, em região próxima ao Canadá, belíssima. Mas, no inverno, a temperatura varia de dez a dezoito graus abaixo de zero”, lembra. Devido ao frio, os prédios têm túneis que os interligam, formando verdadeiros labirintos. Neide conta que entrou em um deles, passou para outro em busca de uma loja específica no térreo, resolveu visitar um terceiro e se perdeu. Saindo à rua, perguntou sobre um prédio “ao lado de um rio”. As pessoas riram: toda a região é entrecortada de rios.

Sem hora extra

Algo que continua firme na memória de Neide é a obediência estrita a horários de entrada e de saída no trabalho – mesmo em emergências. “Uma pessoa da empresa recebeu bronca por me deixar trabalhar até às nove da noite”, lembra. “Lá, se o expediente acabou, a jornada é interrompida, mesmo que o trabalho esteja pegando fogo”, conta Neide, destacando uma das várias ocorrências de que ainda se recorda. “Foi mesmo uma viagem inesquecível”, constata. “Do tipo que eu não viveria se não fosse a circunstância de estar viajando a trabalho”.

CORRENTE DO BEM

Colega da GP de Curitiba mobiliza pessoas para multiplicar doações

No último natal, ela arrecadou 2.400 brinquedos; no dia das crianças, 6 mil doces, e na próxima Páscoa a meta é atingir 6.300 guloseimas que serão distribuídas a crianças de comunidades carentes da região de Piraquara. Moradora de Pinhais, município da Grande Curitiba, Danielle Lourenço Hoepfner foi contratada pelo Serpro em outubro de 2010. Nas horas vagas, a analista de gestão de pessoas se desdobra para garantir que, ao menos em datas especiais, cada criança receba um presente. "A realidade delas é muito diferente da nossa. Uma vez ganharam pastas de dentes e abriram as embalagens pensando que fosse algo de comer: elas não sabiam o que era aquilo", ressalta.

Para chegar a números tão expressivos, Danielle aciona sua rede de contatos, comunicando-se com mais de 100 pessoas a cada data festiva. Nem todas respondem às convocações com doações em gênero ou dinheiro. "Mas sempre há alguém que fala para alguém, e uma espécie de corrente do bem acaba se formando, como naquele filme que tem esse mesmo nome", explica.



Saiba onde ajudar: encontre um lugar que precisa do seu auxílio

<http://portaldovoluntario.org.br/>

Além de arrecadar donativos, Danielle faz a compra de brinquedos e doces e se responsabiliza por levar o material até as entidades beneficentes que as distribuem. "Mas vou só até aí, não subo no caminhão para



Danielle Hoepfner, de Curitiba: cultura de auxílio ao próximo veio de casa

distribuir as coisas. Gosto de trabalhar nos bastidores", descreve.

Depósito em casa

O costume de colaborar vem de família: "Sempre tivemos a cultura de auxílio ao próximo", diz. Em épocas como o Natal, a casa vira depósito de presentes. Mas contar com a ajuda e confiança de potenciais doadores nem sempre é fácil. "Com tanta falcatura no mundo, as pessoas ficam com um pé atrás. Quem nos ajuda, porém, sabe da seriedade do trabalho que fazemos e confia", relata. O balanço final que Danielle faz é de que o auxílio abnegado através do trabalho voluntário vale a pena: "normalmente, quem começa acha que está ajudando aos outros. Na verdade, essa pessoa está ajudando muito mais a si mesma", avalia. ■

 **Assista!**

Corrente do bem (2000)

No filme, um menino propõe que se forme uma corrente baseada em três premissas: fazer por alguém algo que este não possa fazer por si; fazer isso para três pessoas; e que cada pessoa ajudada faça o mesmo por outras três. Assim, a corrente cresceria em progressão geométrica: de três para nove, daí para 27 e assim por diante. O garoto é interpretado por Haley Joel Osment, de O Sexto Sentido.

NA MEDIDA CERTA

Temperatura, umidade e ruído são controlados desde os tempos do papel

Furadeiras de papel movidas a pedaladas, grampeadoras elétricas capazes de juntar 200 páginas, impressoras cuja entrada de papéis inspirava o apelido de dragão. Com tudo isso funcionando ao mesmo tempo, o resultado poderia ser um só: provocar muito barulho.

Foi nesse contexto que empregados da seção de expedição, ainda na década de 70, tomaram uma atitude: solicitar à CIPA da 10ª Unidade Regional de Operação, atual Regional Porto Alegre, que fizesse campanha para arrecadar embalagens de ovos. O objetivo era colocá-las nas paredes e, assim, diminuir o transtorno para os ouvidos.

“O ruído diminuiu, mas o visual e o calor ficaram insuportáveis”, relata Américo Brasil, aposentado em 1999. Ex-integrante da Cipa, foi um dos responsáveis por resolver o impasse sugerindo a adoção de protetores auriculares.

Junto com os protetores chegaram os aparelhos para a medição de temperatura e umidade, além de um aferidor de nível sonoro. Um aparelho mais avançado, parecido com um walkie-talkie, foi adquirido na década seguinte para controlar a temperatura dos mainframes.

Hoje, a climatização é tercerizada e segue o padrão determinado pelo Ministério do Trabalho por meio da NR17 (Norma Regulamentadora 17). Os funcionários das empresas contratadas que passam nos ambientes duas vezes por dia verificam: a temperatura deve oscilar entre vinte e vinte e três graus centígrados e a umidade do ar não pode ser inferior a quarenta por cento. ■



Aparelho da década de setenta e o de hoje: 3kg a menos no equipamento que verifica as condições do ambiente

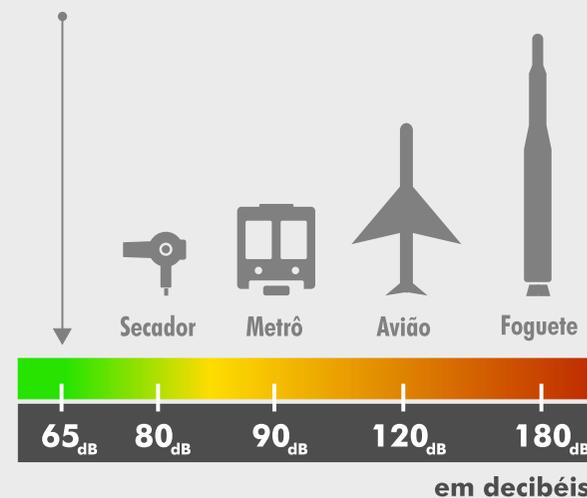
🔍 Você Sabia?

Ruídos também são monitorados

De acordo com a NR15, que trata de insalubridade, existem dois tipos de ruídos. O originado, por exemplo, de motores elétricos e engrenagens, é chamado de Contínuo ou Intermitente. O outro é o de Impacto, como o gerado por uma martelada.

Nos locais que exigem trabalho intelectual e atenção, como escritórios, o nível de ruído de conforto é de até 65dB. O Serpro monitora seus ambientes para manutenção de níveis saudáveis de ruído. Esse é um dos itens do Programa de Redução de Riscos Ambientais - PPRA, realizado anualmente.

Nível de ruído de conforto



ESPORTES PARA TODOS OS GOSTOS

Do windsurf à peteca, do pádel à ma-lha: os mais variados esportes são pra-ticados pelos colegas do Serpro

Jogar, brincar e explorar são verbos que nascem da própria essência humana. Alguns esportes, como o futebol, podem ser comparados a uma língua plan-etária, uma paixão global que movimenta pessoas de todas as idades e sexos em incontáveis campos, qua-dras, ruas ou qualquer espaço que possa ser improvisado para se jogar uma "pelada".

Mas o futebol não é unanimidade, tampouco único exemplo de atividade que une os povos. As modalida-des esportivas são tão variadas quanto as culturas que habitam nosso mundo; e os Jogos Olímpicos estão aí para celebrar boa parte dos esportes que são pratica-dos simultaneamente nos cinco continentes.

A busca por integração, bem estar físico e diversão compõem a narrativa de uma saga universal e indis-criminada em todas as culturas. Uma história de di-versidade que também é escrita no Serpro, empresa reconhecida por sua excelência em tecnologia e que está repleta de amantes do esporte, praticantes de dife-rentes modalidades.

Aqui no GPS você conhece um pouquinho dessa vari-idade, confira.



■ Windsurf e Ultraleve

Paulo Celso Coelho e **Valdênia Zarur**, ambos da Supde de Fortaleza, conheceram o windsurf em 2001 e de lá para cá não pararam mais. "Você precisa de um bom preparo fí-sico e de persistência para aprender a executar correta-mente as diversas técnicas e manobras", explica Paulo. "Mas mesmo assim, parece que nunca me sinto cansado. Quando estou dentro do mar, esqueço do mundo, e posso passar horas velejando e apreciando o visual", completa. "Com esse esporte, vivo dias maravilhosos de contato com a natureza", conta Valdênia.

O colega da Supde de Fortaleza, **João Carvalho**, também pratica um esporte que propicia panorâmicas privilegiadas da natureza. Fascinado pelo universo da aviação, decidiu ti-rar brevê, a permissão para pilotar aviões, na época da fa-culdade. E continuou se aventurando: em 2001, João deu os primeiros pulos de asa delta e depois foi a vez de experi-mentar os vôos de ultraleve, categoria que ele elegeu co-mo a favorita. "O céu é o lugar mais tranquilo e seguro que existe. Quando estou nas nuvens, sinto que o mundo é meu", descreve.



■ Peteca

Para o colega **Mário Alves**, da Supst em Belo Horizonte, a peteca é uma "cachaça". Ele conta que pratica o esporte há 20 anos, ao mesmo tempo que se formou um grupo de jo-gadores na regional que estão juntos até hoje. "É um espor-te muito gostoso. Além de ser uma atividade de con-graçamento, tem sua competição e é muito saudável. É um esporte aeróbico e sua prática é bastante eficiente pa-ra descarregar as tensões do dia a dia e para o aprimora-mento dos reflexos", relata.

A peteca pode ser considerada um esporte legitimamente tupiniquim, pois já era praticada pelos índios como recrea-ção desde antes da chegada dos portugueses ao Brasil. A atividade foi transmitida pelos nossos antepassados e hoje é praticada por milhares de brasileiros. O que era antes uma recreação, evoluiu para esporte, com a criação de re-gras e sentido competitivo. O pioneirismo na modalidade coube a Minas Gerais, que em 1975 criou a primeira Fede-ração Estadual de Peteca e realizou os primeiros jogos ofi-ciais, em clubes de Belo Horizonte.



■ Trekking

"A melhor prova é aquela que nos obriga a atravessar um rio, passar por dentro de cachoeiras ou percorrer trechos usando cordas", empolga-se **Claudia Pereira Higashi**, colega da Supde de São Paulo, ao explicar como é a prática de trekking, também conhecido como enduro a pé. Ela conta que esse é um esporte de regularidade: a equipe conquista pontos quando consegue fazer o trecho determinado para seu grupo de acordo com as instruções de um mapa detalhado e de uma cronometragem precisa. O percurso na mata é preparado com vários pontos de controle (PCs) que devem ser localizados e acionados pela equipe para comprovar que esteve naquele local, no horário determinado pelo mapa. Cada grupo competidor recebe um trajeto diferente.

Na Regional São Paulo, há duas equipes que participam todo mês de uma prova com outras equipes do estado. Os trajetos costumam ter de 9 a 12 quilômetros, percorridos em cerca de três horas e meia. "Além da emoção de competir, há o planejamento, o trabalho em equipe, e um contato muito intenso com a natureza", completa a analista.



■ Mergulho

"Mergulhar é entrar num mundo novo, estar totalmente ligado à natureza e se encantar com as belezas subaquáticas. É uma sensação única, diversão pura e integração do ser humano com a natureza. Na minha visão, o mergulho recreativo é uma prática esportiva. Um bom mergulhador mantém hábitos saudáveis para melhorar sua condição respiratória e acaba adotando um estilo de vida peculiar. Dentro do mergulho existem ainda competições (campeonato de foto subaquática), atividades sociais e de preservação do meio ambiente e muita diversão", relata **Eduardo Maris**, da Supde de Belo Horizonte.

O colega, que pratica o mergulho desde 2006 e atualmente faz curso para ser instrutor, destaca a integração e amizade que nascem dentro dos grupos. "Normalmente as pessoas se conhecem em cursos iniciais de mergulho e já formam uma amizade. Por estarem com o mesmo objetivo, viajam juntos e vão aumentando o ciclo de amizades. As viagens acabam sendo, além de grandes aventuras, um encontro de apaixonados pela natureza e uma reunião de amigos", completa.



■ Pádel

Como jogar tênis em um navio? A partir dessa necessidade aristocrática nasceu o Pádel, por volta de 1890, inicialmente denominado "tênis de alto mar". A bolinha e a quadra são iguais às do tênis, mas as paredes dos fundos e da parte inferior das laterais da quadra "recolocam a bolinha no jogo". Da mesma forma que no squash, esse elemento acaba por provocar mais dinamismo e velocidade. "A bola não pára nunca", resumiu certa vez o tenista Fernando Meligeni.

Apesar da origem inglesa, o Pádel foi muito desenvolvido nos Estados Unidos, México e Espanha. A partir daí difundiu-se bastante entre uruguaios e argentinos, chegando ao Brasil pela região sul. Na regional Porto Alegre, os campeonatos de Pádel já tem calendário regular. O último evento contou com a participação de 14 duplas. Para o analista de sistemas **Damor Cezar Saccomori**, organizador de vários eventos esportivos na regional, qualquer pessoa que já tenha brincado de frescobol consegue aprender a jogar pádel facilmente. "E muitas amizades se formam ou se consolidam na quadra", ressalta o colega.



■ Trilhas

Na Regional Fortaleza, mais de dez empregados são jipeiros, ou seja, fãs do prazer de dirigir jipes por trilhas e mais trilhas, principalmente fora do ambiente urbano. "Com esse esporte, conseguimos romper obstáculos. É o homem dominando a máquina, superando desafios. Além disso, unimos nossas famílias e vamos juntos trilhando caminhos incríveis. O prazer de dirigir por praias vendo o mar ao redor, por exemplo, é muito legal. É uma sensação de liberdade que não tem igual", diz o empregado da Supgs, **Ernande Lopes**, que é jipeiro desde o ano 2000.

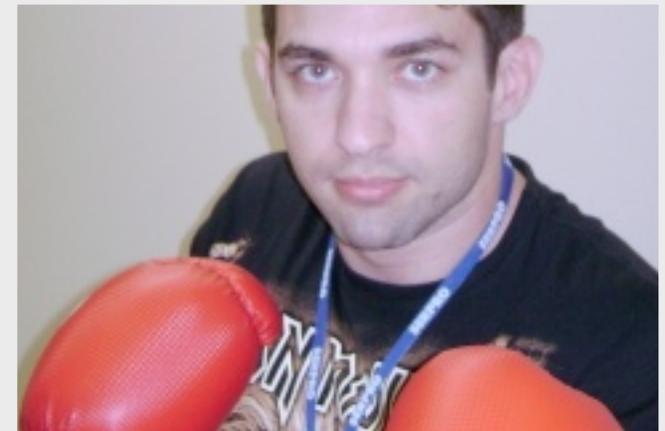
Além de propiciar diversão, aventura e integração, os praticantes acreditam que esse esporte sobre rodas é uma atividade de solidariedade. "Com nossos jipes conseguimos chegar a locais de mais difícil acesso. Costumamos arrecadar e levar donativos para comunidades carentes e isoladas do Ceará", explica **Ednardo Moraes**, da Supop. "Quando chegamos nesses lugares, é uma festa tanto para os moradores como para nós", conclui Ednardo.



■ Malha

O campo comprido onde se joga é parecido com o da bocha, e algumas regras lembram o boliche, mas o esporte chamado malha tem origem mais antiga. Segundo alguns estudos, evoluiu do simples passatempo de arremessar moedas, praticado pelos soldados do Império Romano. Hoje o que se arremessa é a própria malha que dá nome ao esporte: um disco de metal com cerca de 11 cm, pesando 700 gramas, que tem como objetivo derrubar um pino de 18 cm. O local onde a malha cai também conta pontos: o melhor é que depois do arremesso ela fique dentro de dois círculos sinalizados na quadra, no centro dos quais foi posicionado o pino a derrubar.

"Pratico esse esporte há mais de 30 anos, aprendi com meu avô. Há três anos temos a quadra aqui no Serpro, e um grupo constante de 14 colegas joga frequentemente", informa **Marcos Dante**, da Supde São Paulo. "Alguns dizem que é um jogo de velhos, mas aqui temos gente de toda idade e sexo. É bacana porque qualquer pessoa pode chegar e participar. Um passatempo bem interessante", avalia.



■ Muay Thai

Cleber Kiel Olivo, da Supop de Curitiba conta que buscou a prática de artes marciais como forma de condicionamento físico e acabou por preferir a tradicional forma tailandesa de luta, o Muay Thai. De longa história no país do Sudeste Asiático, o Muay Thai teve regras estruturadas em fins do século XIX e início do século XX, assemelhando-se ao boxe ocidental, mas mantendo o uso de cotovelos, joelhos e pernas que o caracterizava desde tempos antigos.

"Meu irmão me matriculou numa academia de Muay Thai quando eu tinha 14 anos. Desde então fiquei fascinado pelas artes marciais", explica Cleber. A luta que ele pratica é tão popular na Tailândia quanto o futebol no Brasil, identificando-se com o próprio nome do país. A palavra "thai" significa "livres". Assim, Tailândia significa "terra dos livres" e "muay thai" a "luta dos livres".

